

ANO II

Num. 80

reporter.

Semanário
das grandes reportagens

12 de Fevereiro de 1932

Preço: 1 ESCUDO



Leia neste número:

O filho de Alves Reis, imperador de Angola?—Falsos médicos—Nasceu em Portugal uma criança sem olhos, etc, etc.

Medicina Dentária Dr. Teixeira Coelho

Membro de várias Sociedades
Científicas do Estrangeiro

DIPLOMADO pela Universidade de Coimbra e Faculdade de Medicina de Lisboa. Especializado em Bruxelas. Dignatário de várias ORDENS. Extracção de dentes ou raízes, sem dór, desde 10\$00. Obturações temporárias desde 10\$00. DENTADURAS COMPLETAS desde 200\$00.

PREÇOS MAIS BARATOS
QUE NAS POLICLÍNICAS
ESPECIALIDADE EM DEN-
TADURAS INQUEBRÁVEIS
Calçada do Jogo da Pela, 4
(esquina da Rua do Socorro, em frente
da Rua da Palma)
CONSULTAS GRÁTIS AOS POBRES
EXTRACÇÕES DESDE ESC. 2\$50

Deite fóra todas essas águas, gotas, azeites e tantas outras drogas que lhe têm impingido para pintar os cabelos. El'as não são mais do que um assalto à sua bolsa... Mostre que é inteligente.
Veja o que os melhores cabeleireiros empregam nos seus magníficos trabalhos de pintura. Constatará que é só

K O M O L

KOMOL, dispendo de 18 cores à sua escolha desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe em sua casa, e sem auxilio de ninguém, restituir a cor natural aos cabelos em **15 minutos**. E eles, ficam macios, soltos e brilhantes, ninguém conhecendo que foram pintados.

CAIXA 25\$00

A' venda nos melhores estabelecimentos. Representante M. CABRAL—R. Camilo Castelo Branco, 20, Telefone N. 3831.—
Depositário — FARMA. IA OLIVEIRA, R. da Prata, 240 —
Telefone 2.1415—Agente no Porto—A. QUADROS Jor.—R. de Traz, 7, 2.º—Telef. 87

A A Z A D A S O R T E

E B R I O N O S M I O L O S

Successo tem toda a gente que aproveita aos modos modernos e científicos na sua vida. Consulte a casa REMINGTON, cujos especialistas estão prontos a toda a hora a collocarem a sua sabedoria e experiência às ordens de V. Ex.ª para a melhor marcha dos seus negócios.

Família "REMINGTON" às ordens do público:

PARA CONTABILIDADE
"Remington 21 e 23"
QUE ESCREVE SOMA E CONFERE
FACTURAS

PARA ESCRITÓRIO
"Remington 12, 31 e 92"
PARA O LAR E VIAGEM
"Remington" Portatil
A MAIS PERFEITA DE TODAS

PARA GABINETE
ONDE O SILENCIO É DESEJADO
"Remington Noiseless"
UNICA QUE ESCREVE
EM SILENCIO

Ficheiros
KARDEX

Arquivos de aço

Máquinas de calcular
DALTON

PRESTAÇÕES "REMINGTON" PRESTAÇÕES

Rua Nova do Almada, 109, LISBOA. Tel. 21803
Rua Monsinho da Silveira, 73, PORTO, Tel. 1216

Rua Ferreir: B r g s 119, COIMBRA. Tel. 550
Rua Direita, 19 FARO

Homens & Factos do Dia

Dragões enjaulados

O MEU amigo X—o X é um apelido mui illustre (e que me perdõem a imodestia)—v já-me há muito tempo, num disfarce delicado mas também com uma existência e uma atenção de psiquiatra apaixonado por um spicmen invulgar. Os seus olhotos inquietos radiogramam-me os segredos mais intimos, as razões mais occultas da via sinuosissima dos meus nervos, das minhas horas de pessimismo angustioso, os meus momentos de otimismo doído, das minhas inquietações, dos meus desajalecimentos, dos meus entusiasmos—de minhas ingenuas ilusões—po que as conserva ainda, tão teimoso e avaro como dum tesouro, com dum filho mui querido... Pouco a pouco fui dando conta de sa espumagm psicológica, intrigando-me mais o reflexo silencioso das suas pesquisas do que o alvo da sua curiosidade. E' que nunca os seus labios se abriam para um comentário em voz alta a s dramas, farças ou tragédias que ele espreitava pela fechadura da minha vida. Pelo contrario: sendo ele um palrador capaz de encogonhar os fonografos mais catarras—esmaecia precisamente quando as suas palavras podiam significar um conselho, uma reflexão, uma critica aos actos que eu praticava ou que praticado pelos outros, tinham galcanisar a minha sensibilidade. Um dia o seu envolver de gelo, liquificou se, revelando-me, final mente o diagnostico que tão longo exame provocava.



«Tu podes não ser parvo, podes escrever com certo geito, ter dado um jornalista aceitavel e possuir uma cultura escapatoria. E' possivel que, amalgamando tudo isto, te preocupes com os problemas mais profundos da vida moderna, que balanceies o espirito ao sabor de todos os avanços, que disponhas de opiniões criteriosas e ineditas sobre o universo e sobre a humanidade, contudo descuidastes o mais grave dos problemas, a mais importante das opiniões: o problema da tua alma, a opinião sobre a tua propria pessoa. A aventura e a desventura ou seja o segredo maximo de uma existencia seguida, ás vezes, num minusculo oco de Colombo—um oco que as azebruzes da ciência são incapazes, em muitos casos, de o pôrem; e que outros os mais tozios os ignorantes resolvem... E não julgas que muitos desses pobres de Cristo que são felizes e cons guiram ser por protecção divina. São-no porque reflectiram e acertaram no caminho que tracejaram para o paraizo ter estre que, embora inferior ao que podemos conquistar, no cen, não é para despresar, enquanto não passamos ao outro».

E para exemplificar a sua teoria apontou me um dossier de carido que estava sobre a secretaria, prossequindo:—O segredo da minha tranquila ventura está nesta pasta. Lê a etiqueta que lhe colei: «Assuntos desagradáveis e inadveris para esquecer». Não comprehendes? E' um paradoxo que sabe a disparate. Vejamos. O que é que te arrelia mais o que te omargura com maior frequencia? São essas Fatalidades do Acaso, que desaham todos os dias sobre a nossa alma, entornando tinta negra no espirito, dando-te a impressão de um mal irremediavel, de uma dinamite Astruidora de todo o nosso castelo de Bem-Estar e de Paz—e que nós não provocamos, não merecimos sequer. Tambem eu era victima dessas perrices do Destino. Tambem em as pesava, us medí, as via como desgraças diabolicas, remediáveis—e de consequencias eternas... Um dia resolvi lutar, resolvi dar-lhes batalha, vencê-los, esmagá-los—em vez de ser esmagado por eles. Como? Muito simples! Cada vez que me surgia um desses dragões—em vez de imitar Siegfried, de me ferir na peleja, de sofrer de me lamentar, de me preocupar com os seus reflexos daninhos—que era, ao fim e ao cabo, todo o plano do odio que os cria—enjaulava-o nesta pasta, encolhia os ombros—e dizia

para mim mesmo: «Mais tarde analisarei a questão! Mais tarde medirei as consequencias que oirão d'essa fatalidade! Mais tarde verei o que devo fazer!» Quantas vezes esses dragões, chados no momento em que nos lançam as pernas, se nos astiga am gigantescos monstros ejaculando fogo pelas narinas, fálhando chispes pelas pupilas dilutadas e verm-lhas, capazes de nos tritarar em num lauto e cruel banquete. Mas quando, passados dias, semanas ou meses, lhe abrimos a jaula de carias—a custo contemos o riso—o ri o que eles, a sua ferocidade e nós e o nos o terror nos provocam Os monstros não passam de simulacros de papel pintado, de espantalhos com caveiras de carnaval, de dragões... embalsamados...

«Segue o meu conselho... Essas fatalidades, essas feras, essas cidades que te parecem irremediáveis não resistem a oito dias de frigorifico... Oito dias depois todos os esqueeram todos menos os velhacos que nos queriam apavorar Mas não o esquecem—mas porque a risca a humilhação, a derrota não os deixam esquecer»...

R. X.

O «Reporter X»

encontra-se á
venda em todos
os quiosques

Reporter

O SEMANARIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE PORTUGAL

GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS ACONTECIMENTOS DE SENSACÃO NACIONALIS E ESTRANGEIROS

Sai ás sextas-feiras e é posto á venda simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE G. GAL

Director e ditor
REINADO FERREIRA
(REPORTER X)

Chefe da Redacção
COSTA JÚNIOR

Redacção, Administração e Publicidade
Rua do Loreto, 42-1 - TEL. 28249-LISBOA
End. Telegr.: I REPORTERX - LISBOA

Composição e Impressão

Tipografia das Publicações **«O»**
Porto - Cancela Velha 39

(REQ.) DE ASSINATURAS

3 meses—s. rie de 12 numeros—Esc. 11\$50
6 » » » 25 » Esc. 22\$50
12 » » » 52 » Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescém os respectivos portes

PAGAMENTO ADEANTADO

A luta pela libertação da India



A policia inglesa dispersa com todo o possivel carinho os manifestantes «Hindus» que fazem resistencia passiva, deitando-se no meio das ruas de Bombaim. Estas cenas repetem-se constantemente durante as campanhas de desobediência chefiadas por Gandhi.

O último instantâneo de Jesnah Benoliel



AINDA ha poucos numeros, numa reportagem sobre reporteres-fotograficos, entronisavamos o pobre Benoliel no lugar que gloriosamente conquistou, creando em Portugal a mais moderna e suggestiva expressão do jornalismo grafico e dem merecendo o titulo de «Rei dos Fotógrafos e Fotógrafo dos Reis». Mal visionava eu que havia, após tão curto espaço de tempo, voltar a escrever o seu nome—para chorar a sua morte. E' que a Morte anda sempre á nossa volta e nós, teimamos sempre em não a ver...

Pobre Benoliel! Estou a ve-lo, com o seu perfil genuinamente israelita, a curva do nariz a desaparecer no bigode grisalho, os olhos vivos, cheios de juventude, olhos—diáfragma, espreitando por cima dos olhos d'aro de tartaruga, sempre agitado num nervosismo intenso, inquieto, que o tornava mais agil e activo do que os moços—mesmo agora, ao roçar pelos setenta...

Preocupado sempre com o respeito que devia a si proprio e á profissão que amava cuidava-se com a sobria meticulosidade de um joalheiro de Regent-Street—dando, no conjunto, a impressão de um «rabi-gentleman»... O que o dominava sobretudo, após a familia, que ele mimava com uma ternura invisível para os que o conheciam superficialmente e o jornalismo, que o obscecava como uma religião—era viver a vida. O seu paganismo não o levava á boémia desvairada, ás noites sem beleza nem objectivo; amava a vida como um «dilettanti» — que intervem na «mise-en-scene» do palco; amava a vida, generosamente, no que ela oferece de grandioso e de miseravel, interessando-se por tudo quanto fosse accção, dinamismo... Energico, inteligente, tenaz—trabalhador—atingiu a maxima perfeição da sua arte—que não era apenas tirar instantaneos flagrantes—mas sobretudo, saber impor-se, conquistar os modelos para os seus clichés. E o seu modelo constante—eram os acontecimentos

—a «Vida». E para não perder um detalhe; um gesto, um rosto, corria, voava, berrava, trepava aos bancos e ás arvores, comandava as multidões, governava ministros e chefes de Estado.

Estou a ve-lo, aflito com os oculos que lhe escorregavam pelo nariz; as abas do fraque impecavel a esvoaçarem, o Kodak em riste, surgindo a meio de um formigueiro humano, confuso e ruidoso. Agitava os braços, gritava, empurrava, abria caminho. «Meus senhores... Deem-me licença... Por amor de Deus... Eu não estou a brincar... Façam favor... Passe o senhor para a esquerda. Quietos.» E o silencio fazia-se á sua volta; todos o olhavam, primeiro com surpresa, depois vencidos, dominados, obedientes como se temessem a colera de Benoliel!

Pobre Benoliel! Falava, falava muito, falava sempre... As palavras eram gaguejadas, muito salivadas, na pressa de pintar as frases e os argumentos; agitavam a bigodeira, davam-lhe aos labios o movimento de quem mastigasse continuamente bombons de chocolates! Que era guloso—o Benoliel! Guloso como uma creança como de creança eram muitos dos seus pensamentos e atitudes.

Pagão, guloso, curioso, amando o movimento, os banquetes, os espectaculos, as solemnidades, as viagens nunca se esquecia da familia. Realisamos juntos um grande «raid» jornalístico á Holanda. Para lá as suas malas iam balofas, esvaziadas—embora ele nunca se esquecesse do seu fraque da sua casaca, do seu «mocking»... («Eu quero, por mim, pela minha profissão, pelo meu jornal fazer boa figura; entrar, sem ridiculo, numa taberna ou num palacio real!—Dizia-me muitas vezes.)

A' volta as malas estalavam, como ventres pançudos... Em todas as ruas, em todas as montras, em todas as mesas de banquete encontrava um «souvenir», um postal, um doce para levar a esposa, aos filhos...

Jornalista dum país modesto como o nosso —a sua popularidade transbordava as fronteiras. Conheciam-no em Londres, em Paris, em Madrid. Eduardo VII perguntou por ele ao marquez de Soveral. Afonso XIII pouco antes de abdicar

O maior reporter fotografico português — que há pouco falleceu

— cruzou se com Benoliel numa gate do sul da França... Olhou-o e logo o seu rosto se abriu numa expressão de franco júbilo: «Benoliel!

Usted! Hace cuantos anos no me retrata usted? Pero... aguarde um ratol Le noto algo? Más grueso... si... ya las gafas! Ud. no tenia gafas, verdad?» E o bom do Benoliel babara-se, legitimamente orgulhoso, os grandes olhos negros giravam-lhe, felizes, nas orbitas enormes como bolas de bilhar, saboreando a sua popularidade entre os maiores da elite mundial—como justo premio de trinta anos de trabalho heroico, nobre, honrado!

A obra jornalística de Benoliel é mais valiosa que muitos supoem. Toda a historia portuguesa deste febril principio de seculo vive, como num film, atravez a longa galeria dos seus «clichés.» Os seus albums, dispersos por dezenas de jornais e revistas nacionais e estrangeiras—formam o mais precioso e completo museu de acontecimentos e de figuras...

Ultimamente o seu Kodak poucas vezes; aparecia; mas a sua actividade como jornalista e como dilettanti não afrouxava. Voltava ao «Seculo», realizava «raids» ao estrangeiro, entrava e saía dos cafés, subia e descia o Chiado, passito curto mas rapido ainda, os olhos faulhantes, numa algarviada ruidosa a borbular-lhe nos labios, discutindo, nervoso, energico, oportuno—simpaticamente caturra...

Ninguem lhe dava 68 anos! No domingo, acordara achacado... Havia um banquete—um acontecimento no Estoril. Não quiz faltar. Regressou cheio de febre... Uma pneumonia. O seu unico rim não suportava o tratamento que o podia salvar... Extinguiu-se, consciente da morte—mas sem lagrimas, como se fosse partir para uma daquelas viagens profissionais que o alvoracavam e que ele tanto amava... Fitou a Morte como se fosse fotografa-la num instante que lhe acrescentava uma gloria á sua carreira triumphal... E se o dilirio lhe confundisse o espirito—teria exclamado para derradeira visão: «Não se mova! Um instante apenas! E' para o «Seculo»!

REPORTER X

Lêr num dos próximos números

A triste história do «benemérito» de Caniços

Como é verdadeiro o ditado: «Em terra de cegos quem tem um olho é rei.—Qual será o caminho mais perto de Caniços à Penitenciária? — Filhos de pai incógnito batizados com iniciais e algarismos: A. J. 1—A. J. 2—A. J. 3, etc.—Um harem camouflé de Maternidade.—Senhores fotografos, tirem-me o retrato quando eu estiver a meter a brôa ao sacco.—E o mais que se lhe seguir...

Este número do «Reporter X» tem 16 páginas a duas côres, custa 1\$00 e foi visado pela Comissão de Censura

OUVINDO UM PENITENCIÁRIO

O "524" está inocente?

UM dos últimos números do nosso jornal focamos um caso de possível erro judiciário, cujo protagonista, António Mestre, o "524", se encontra jaseado na Penitenciária de Lisboa, cumprindo a pesada pena de 25 anos de prisão, por um crime que afirma não ter cometido.

Lançando o grito de alarme, como então explicamos, julgamos ter cumprido com o que consideramos o nosso dever, chamando a atenção das entidades competentes para promoverem o remédio dum possível mal, libertando assim um homem das agruras do cárcere, ao mesmo tempo que se proporcionava uma melhor e mais equitativa distribuição da justiça.

Hoje podemos documentar melhor esse grito apresentando testemunhas e factos que, tomados na devida conta, numa revisão do processo certamente contribuirão para o esclarecimento da verdadeira verdade. Segundo o 524

contou e nós já acentuamos, foi ele condenado em Mértola, por ser acusado de ter dado morte a António Gonçalves, com uma sachola, na noite de 16 de Setembro findo, abandonando depois o cadáver na residência onde o crime foi praticado. Só dezassete dias depois o Mestre foi preso, por motivo de se negar ao pagamento duma multa, e só no dia seguinte ao da sua

Testemunhas dispostas a dizerem mentiras—Duas testemunhas de importancia que não foram ouvidas—Onde está a verdade?



prisão, a guarda republicana, que o detivera, acusou-o da autoria da morte do desgraçado António Gonçalves.

Este negou a acusação que lhe faziam durante dois dias, até que já impotente—tem 63 anos o António Mestre—para prosseguir aguentando aquêle martírio, se decidiu a confessar o crime que lhe imputavam.

Depois, é ainda o António Mestre quem nos conta, levaram-no ao local onde apareceu o cadáver do assassinado e pretenderam reconstituir o crime, mas como o António Mestre não soubesse explicar nada do que lhe perguntavam decidir-se a responder de harmonia com o que pretendiam.

O patrão do António Mestre, Jacinto Madeira, um filho deste, Manuel Jacinto, e António Grasiel, criado, teriam prestado depoimentos falsos, por a isso terem sido coagidos. E, como se tudo isto não bastasse, houve uma testemunha, a de maior valor para a defeza de António Mestre que nunca foi chamada a depôr. Trata-se dum capitão de engenharia, cujo nome

o António Mestre ignora, que era hóspede do Jacinto Madeira e que, segundo o "524", seria a sua melhor testemunha por não ser possível, dada a sua categoria, coagi-lo a dizer o que não fosse verdade, êle que du-

rante todo o dia do crime vira aquele por variadas vezes, desde manhã muito cedo, sempre na sua faina de guardador de porcos.

Além de tudo isto, António Mestre contou-nos com tal soma de permenores, bastas vezes repetidos e nunca desiguais, o que foi a sua vida no dia e na noite do crime, que não temos dúvida em nos afirmarmos convencidos de que estamos na presença dum erro judiciário.

Uma outra testemunha desprezada e cujo depoimento seria de grande valor para o esclarecimento da verdade nesta causa, foi o menor António Palma, neto do António Mestre, que com êle dormiu junto dos porcos, na noite do crime. Porque se não ouviu esta criança, cujo depoimento, nem por se tratar dum neto do acusado, havia o direito de desprezar, sabido como é o valor que tem o depoimento duma criança, especialmente num caso como este?

Urge que se ordenem novas investigações, realizadas por pessoa idônea, de fôrma a apurar-se toda a verdade. O que não é possível é continuarem por mais tempo sob a horrorosa dúvida de estar um inocente expiando uma pena por um crime que não cometeria. De resto, admitindo a hipótese que nos enganamos, nem por isso seria para darmos por mal empregados os nossos esforços e os de quem interviesse novamente neste assunto. Ficariamos assim convencidos da autêntica verdade, com o direito de chamarmos mistificador ao "524", mas de bem com a nossa consciência, por termos concorrido para o esclarecimento da verdade, tanto mais necessária, quanto é certo que está em jogo a honorabilidade de muitas pessoas entre as quais a de alguns mantenedores da ordem.

Avaro Anselmo.

A Mr. X...—O misterioso idolo do Avenida Palace, que a nossa alta finança corteja



Dear sir.—Podia eu encabeçar a carta com *Cher Monsieur* porque, ao certo, não se sabe se v. é subdito britânico, se belga ou dinamarquez. Ha coisa de um ano surgiu no Avenida Palace, e desde então, salvas raras corridas ao Porto, á provincia e a

Londres (sede dessa Ilha de Monte Cristo que é a famosa Companhia Inglesa de que v. se diz embaixador)—tem vivido sempre em Lisbon. E' o clima que o seduz? Foi a nossa paisagem que o embriou? Ignoro-o; mas o que sei, sim, é que desde a primeira hora, desde que este jornal insinuou algo de invulgar na sua presença entre nós, v. aureolou-se com o halo de um Rei Mago, feiticeiro de cofres, alquimista de ouro—sendo sitiado, cortejado, bajolado por numerosas individualidades da alta finança. E v., com uma generosidade milagrosa ou como um *Rotchild* atacado de loucura magnanima, cedeu a todas as propostas, comprou, sem regatear nem refletir, todos os terrenos que lhe ofereceram—em Lisboa, Porto e provincia. E' hoje senhor de um pequeno principado em retalhos de solo—dentro de Portugal. Na verdade essas transações não foram liquidadas em loiras libras correntes—mas sim em obrigações dessa famosa Companhia Inglesa que v. representa. Mas que importa—se esses papeis que v. espalhou ás mãos cheias, valem mais do que o ouro?

Mas v. sabe a quantos estamos? Estamos em *Fevereiro-1932*—e segundo o que v. afirmou e os papeis diziam—a miraculosa Companhia deve resgatar essas obrigações no fim deste mês! Como se explica que v. desaparecesse precisamente nesta altura—transformando em inquietação o otimismo e a ventura que contagiara a todos os que o cercaram? E para agravar o pessimo efeito da sua ausencia—houve quem pedisse informações a Londres. E conhece a resposta? Que a tal Companhia está falida—dizem-nos; que é um mito—garantem outros... Apareça—e perdoe a curiosidade do—R. X.

A COBRANÇA DA PUBLICIDADE DO «REPORTER X» É FEITA EXCLUSIVAMENTE PELA SUA ADMINISTRAÇÃO

Uma scisão no Centro Católico Português?

A primeira scisão—A Voz, as «Novidades» e a Era Nova—Os primeiros ataques—O que se vai seguir?

N^O nosso país os católicos encontram-se agrupados, politicamente, no Centro Católico Português, superiormente a tudo por uma comissão a que preside o sr. dr. Lino Neto, antigo «leader» dos católicos no Parlamento. Ao contrário do que muitos supõem, o Centro Católico não é um organismo político, na acção vulgar que este termo tem entre nós. Não se destinando à conquista do poder—e aí está a sua maior diferença—obedecendo directamente aos bispos e, por intermédio destes à voz de Roma, o Centro Católico, pôde dizer-se não soube ou não pôde conquistar a opinião pública e na sua frente só tem encontrado escolhos. Mal visto pela massa popular e pela grande maioria dos republicanos que na Igreja vêem—com razão? sem razão?—um perigo para a Republica, é mal visto também pelos monárquicos que entendem que aquele organismo se deveria orientar pela política monárquica.

que também os há, não viam melhor aquelas entidades que se afirmavam e afirmam neutras em matéria política, embora dizendo-se obedientes a todos os Governos. Até que ponto vai essa neutralidade política pôde-se verificar dia a dia pela leitura das *Novidades*, e então os católicos republicanos fizeram o que já tinham feito os católicos monárquicos saíram do local onde se não encontravam bem.

Já há dias o Padre Alves Correia, uma das mais cultas e das mais lúcidas figuras do clero português, atacara as *Novidades* num livro da sua autoria, e agora surge um semanário intitulado *Era Nova* que marca uma nova posição. E quem são as pessoas que tomaram uma tal attitude? Além do nome acima apontado, ha que juntar-lhe mais o de Manuel Ribeiro, o grande escritor católico, Luis Torreão, cunhado do proprio director das *Novidades*, o sábio Gomes Teixeira, figura de nome europeu, o dr. Rodolfo Kanapich, da Faculdade de Letras, seguidos

por imensos fieis que entendem que a Religião não é incompativel com a Republica.

O que pensam os católicos em luta contra a rotina, que procuram adaptar-se ás realidades da vida actual? Vejamos o que diz o novo jornal no seu artigo de apresentação:

«Os nossos jornais católicos não nos costumaram a orientar objectivamente a critica, na apreciação dos acontecimentos e dos homens. O Fascismo só foi mau quando o seu orgulho veio ferir o Pontífice e a Acção Catolica. Critério assim não é de cristãos nem de lutadores de ideas.»

E mais abaixo escreve:
«Somos amigos do povo que trabalha e sofre. Este amor é uma paixão mas das que não desvaíram.»

Temos pois mais uma scisão no Centro Católico. O que se vai seguir? Anuncia-se já que o sr. Patriarca de Lisboa, seguindo o exemplo dum Cardeal de Paris que proibiu a circulação da *Jeunesse Republique*, semelhante em doutrina ao novo jornal português, vai fazer que se não publique a *Era Nova*. Será assim?

Tesouradas...

Porque razão?

Já várias vezes nos temos referido, aqui, à decidência em que vive o nosso teatro, mais por culpa dos individuos que detêm esse *negocio*—que é mais *negocio* do que arte—do que por culpa do publico. Um teatro de Lisboa, na quadra carnavalesca que acaba de passar mostrou a sua pouca, ou nenhuma consideração pelo publico fazendo representar uma peça em que ninguém sabia o papel, à espera que o publico metendo-se com os artistas salvassem... a coisa.

O publico, que não tinha ido ao teatro para representar, antes para vêr representar, safu aborrecido e chamando justificados e apropriados nomes feios aos artistas.

Outros teatros, mostraram o seu carinho pelo publico de quem vivem e para quem dizem viver, aumentando todas as noites—com o mesmo cartaz e anunciando as mesmas surpresas que... não apareceram—o preço do lugar.

E' isto procurar fazer *negocio* lícito e defender o que para aí há e a que chamam teatro? Ou, então, é já fazendo conta com os dias que estarão fechados depois do carnaval?

Há um teatro por exemplo, onde os chefes da *claque* perd m dinheiro, mas onde a empresa cobra dez escudos por bilhete a título... de selo.

Assim não! Que haja, pelo menos vergonha!...

Uma entrevista sensacional

O *Seculo* publicou há dias uma entrevista que teve o mais retumbante éxito. O ministro dum país agora em guerra concedeu aqúelle nosso colega uma entrevista em que pouco diplomaticamente explicou o conflito que tanto tem feito pensar os homens de estado, e concedia a honra das culpas ao outro contendor. Tanto escandalo fez a entrevista que logo as agências a telegrafaram para vários países que se apressaram a queixar ao governo do país que aquêle diplomata representa, que por sua vez foi repreendido e obrigado a publicamente desmentir-se. Aquí começa a odiseia do pobre diplomata, pois que o *Seculo* justamente certo de que interpretou a verdade, se nega a desmentir a entrevista verdadeira.

E agora? Consta que o diplomata em questão prepara as malas para ir fazer uma cura de repouso até ao seu país...

Novidades



Logo no início da sua vida, ainda quando o seu orgão na imprensa, as *Novidades*, se não tinham publicado, o Centro Católico soffeu dos jornais monárquicos, nomeadamente do *Correio da Manhã* e *A Epoca*, os mais rudes ataques, os mais destrambelhados embates. Depois, lá foi singrando, sempre com sua acção política tolhida pelas maior contrariedades. *A Epoca*, dirigida pelo sr. Conselheiro Fernando de Sousa, fez contra as *Novidades* que o mesmo é dizer, contra o Centro Católico, os mais virulentos ataques, como nunca tinham sido feitos naquelle jornal contra os republicanos:—os seus naturais inimigos.

Deu-se nesse momento a intervenção dos bispos protegendo as *Novidades* ou a sua doutrina, e a *Epoca* que se dizia jornal católico a pesar de ser jornal monárquico, foi publicamente desautorizado pelos bispos e a sua leitura prohibida aos católicos, tendo o seu director suspenso o jornal para logo reincidir com o aparecimento de *A Voz*, diário da manhã que ainda hoje se publica.

Esta foi a primeira scisão no Centro Católico Português, que viuças suas minguidas hostes ainda mais desfalçadas.

Mas se os monárquicos não viam com bons olhos o Centro Católico e as *Novidades*, os católicos republicanos,

O diário de maior assinatura em Portugal

A VOZ

Director—J. Fernando de Souza

Publicado ás 6 horas da manhã

Publicado ás 6 horas da tarde

Publicado ás 6 horas da tarde

Este numero foi visado pela comissao de censura.

Numero unico 200 pag.

EMANADO DO TRABALHO NACIONAL ENOSES HISTÓRICAS

FOTO-RADIO Jacinto & Graca, L. da

Artigos fotograficos, chapas, films, películas, papeis, productos e accessorios.—Maquinas fotograficas. Montagem e reparação de aparelhos de T. S. F.—Montagem de antenas. Pessoal habilitadissimo.

Travessa Sã da B.adeira, 14

PORTO TELEPHONE 412

Um fenómeno inédito Nasceu em Portugal uma criança sem olhos

EXISTE uma caricatura de Capeli, publicado na primeira época de *Le Rire* em que, à beira das barracas dum circ. de saltimbancos, um *clown*, em cami-óla, abre os braços e a boca, num rompage de júbilo exclamando para o *jongleur*, que remonda o velho *maillot*: — Dá-me os parabéns, meu caro Jack! Minha mulher acaba de ter um rapaz com dois narizes e três pernas! Que sorte a do pequeno — e a nossa! Agora é que vamos enriquecer!

Para os que vivem da exibição das feiras, os exploradoras dessa longa galeria de monstros que percorre o mundo — o nascimento de um *fenómeno* — é uma alegria, uma *chance*, a promessa — a certeza de um rendimento quantioso e farto! Os próximos *monstros*, os desgraçados que vêm ao mundo desobedecendo as mais elementares leis do equilíbrio físico — beneficiam da sua desventura, porque existe na multidão universal uma curiosidade mórbida por todas as fealdades excêntricas, pagam lo que for preciso para as contemplarem. Ainda há pouco tempo, um reporter feroz revelou no *Vouid*, de Paris, a existência de uma *aldeia de monstros*, no norte da Hungria, onde médicos inquisitoriais vigiam as mulheres, no período de gravidez para provocarem novos *fenómenos*. . . com o consentimento — e o entusiasmo das mães, de toda a família — visto que os empresários da Europa e da America se fornecem d'aí com duma fabrica de aleijões — pagando, sem regatear, as tarifas que os fornecedores lhe exigem!

Mas se a essa gente a cubija do dinheiro — ou o terror da fome — transforma em alegria, a fatalidade de deformação física — na outra, nas almas normais, que horrível angustia vêr florir dum beijo de amor — um fenómeno doloroso! Que de lágrimas não se choram sobre esses berços mal fadados!

Guerra Junqueiro evocara um desses monstros, de feira. . . «e ao vê-lo lembrai-me de vós, sunambulos da cruz; que andais há mil e tantos anos, expondo e explorando o corpo de Jesus!» Era o símbolo da alegria dos traficantes da Dór. . . Mas Gomes Leal, na Duqueza de Brabant — evoca a outra tragédia — a daquela criança que nasceu igual ás bastas mais imundas e horrendas, de quem todos fugiam,

com a-co e a t-ndr — mas que a mãe amava mesmo assim — chorrendo e imundo. . .

Em Davais, próximo da Moita, vive um casal tão feliz na sua mo, destia — como no amor que os unira, uma tarde de sol, numa romaria alegre, ingénua e ruidosa. . . A lua de mel eternizava-se naquele casal, sem outras ambições do que as do pão de cada dia e as da paz a todas as horas. . . Para o paraíso ser completo — faltava-lhes o sorriso dum filho!! E um dia a volta do trabalho, Olivia Purélo — disse para o seu homem: — Sabes, José! Deus Nesse Senhor ouviu-me! E-tá cá a parecer que. . . — «O quê, mulher? E' possível?» Ela riu-se. Trinou um beijo no silêncio do anoitecer! Os espiritos simples não sabem expressar-se. . . Caar-m calados, pensativos, ditosos, fixando os olhares numa telepatia feita de ternura e de esperanças. . . Eles já viam al, a meza entra os dois e apertando os mais, um contra o outro os bracito. frageis de um petiz, robusto e lindo como os anjos da Igreja. . . E logo constou a boa nova. O José dos Santos Purélo, que todos estimavam, estava louco de contente. . . por ser pa!



OS PAIS DO FILHINHO QUE NASCEU SEM OLHOS

A criança nasceu há dias. . . Mas porque não quiz o Destino que ela viesse tão formosa e perfeita como o amor que a gerára? Formosa, sim. . . E perfeita — quá. . . O corpo recordo o de «Menino Jesus» de Bartolucci. . . Mas — e os olhitos? Ao principio não deram importância ao caso. A criança não levantava as palpebras — mas desenhavam-se lhe, num traço gentil, as sobranceiras, a orla das pestanas é que. . . Observaram melhor; as palpebras não se erguiam porque não havia abertura. Alarmados, os pais levaram a filha ao médico. . . Este alvoroçou-se *garatinho* que se tratava de um fenómeno único, dum caso inédito e ignorado pela ciência. Chama colegas. Vêm professores estudar o fenómeno. — A criança é transportada a Lisboa, ao Hospital e conclui-se então que, sob as palpebras existiam umas orbitas vazias — ou seja, que a criança *nascera sem órgãos visuais*. Um médico, e dos mais cultos declarou nos o seguinte:

— É uma fatalidade, relativamente banal, a cegueira de nascença — mas a filha de José dos Santos Purélo, si de toda as formas conhecidas e registadas a ciência Não é cega por qualquer insuficiência nos órgãos visuais: é cega porque a natureza se olvidou, por completo, desse detalhe. . . Gaveau apresenta-nos o fenómeno de um pequeno pelaco que nasceu, à laia de Zéfirus, com um só globo visual, hipertrofiado e colocado quasi na frente. O Dr. Cabanis fala nos de um credo de Marigny que tinha três olhos — mas que só via por dois, sendo o terceiro atrofiado e incompleto. A ausencia total de órgãos vi-

suais é que a ciência desconhece, e só um estudo directo sobre a infelz criança nos poderá elucidar sobre o segredo deste fenómeno.

«As causas? A ciência é impotente para as diagnosticar!»

E que importa aos pais que a ciência explique ou não as razões da fatalidade do seu filho? Mas cega ou não, aleijada ou não, a mãe de pequenina cega — seja uma simples camponesa ou a marquezita de Brabant, de Gomes Leal — amá-la-ha com o mesmo carinho — ou mais talvez, porque se ama sempre mais os filhos desgraçados.



O PEQUENO E ORIGINAL FENÓMENO

Caçada ás feras

No próximo número publicaremos o resultado dos sorteios efectuados, com os nomes e fotos dos premiados



Não se me apaga da memória aquela noite de 20 de Junho de 1930 — verdadeira noite trágica. O processo do Angola e Metrópole que tinha emocionado a população do país inteiro, tornando populares os seus réus, estava prestes a terminar, mas nem por isso a opinião pública, o Supremo Tribunal que em primeira instância julga homens e consciências, se dá por satisfeito. Ali, naquela sala, com a solenidade das decorações a vermelho e dourado, onde o negro das togas e fécas de magistrados e advogados punham uma nota triste, dolorosa, faltava alguma



O JUDEU-ALEMÃO HENIES

coisa que junto dos réus viesse tomar assento, faltava o que em linguagem jurídica e linguagem policial se chama o mobil do crime.

Qual foi o motivo?

Aquele monumento enorme de falsidade e embuste armado com uma paciência benedictina e com um engenho que antes ou depois não foi ultrapassado por nenhum criminoso nem nenhum financeiro, foi criado, foi engendrado, para quê? A cubiça do ouro levou Alves Reis a fabricar as notas? Mas teria sido mais fácil, depois de as fabricar, passá-las e ausentar-se gas-

tando honestamente os lucros de tão rendosa operação. Para quê montar a séde complicada dos negócios em África, as agitações das minas, os financiamentos aqui e além, as ligações com o estrangeiro, todo aquele turbilhão absorvente e trepidante turbilhão que caracteriza o Angola e Metrópole? Para esta pergunta nunca os mais sagazes polícias tiveram resposta, assim como nunca os mais subtis magistrados conseguiram obter a resolução do problema. A que fins, então, obedeceu o fabrico de tantos milhões de escudos em notas e a fundação desse grande empório da finança que queriam que fôsse o Angola e Metrópole? A resposta a esta pergunta está envolvida, ainda, no maior mistério. E' esse mistério que vamos procurar esclarecer.

Uma revelação sensacional

No ultimo dia do grande julgamento, do julgamento do processo enorme, a sala de audiências do Tribunal de Santa Clara estava repleta de publico ancioso de conhecer o epilogo do grande drama. A sentença sabia-se já só seria lida na madrugada do dia 21 de Junho de 1930. Mas ninguem do publico arredou pé, pelo menos para ver a cara dos réus quando fôsse lida a sentença que condenava os réus a penas graves.

A leitura das respostas do juri, de juizes, aos quesitos formulados pelo presidente, não deixara duvidas sobre a gravidade da pena que pesava sob aquelas cabeças.

O snr. dr. Simão José, que presidia ao celebre julgamento, dispôs-se a redigir a sentença, trabalho que durou perto de cinco horas. No tribunal estabeleceu-se um certo á-vontade. Os reus vão até proximo da janela, e dentro do nervosismo natural, faz-se circo em que entram jornalistas e advogados, estabelecendo-se conversa animada. O que será a sentença? — é a pergunta de todos. No grupo, formado numa das janelas juntam-se Alves Reis, que encanta com a sua luquacidade, o dr. Nobrega Quental, José Bandeira, D. Maria Luiza Alves-Reis e o autor des-



DR. NOBREGA QUENTAL

tas linhas. A Alves Reis, certo da sua sorte, não interessa o destino que a adversidade lhe destrua. Preocupa-o, principalmente, a sorte da esposa, ré no mesmo processo, e a sorte dos filhinhos, tão cedo colhidos na maré alta da desdita tem um momento de tristeza. O que foram os seus sonhos de glória, de dominio, e o que é a realidade triste que a sorte lhe oferece!... E Alves Reis num sonho embriagador, num momento de fantasia escaldante, ou num momento de fraquesa, recorda a visita de Sir Aby Bayly a sua casa em Angola, quando ali era senhor e salvador, onde saudou seu filho nascido naquele ano fatídico de 1925, como o futuro imperador de Angola.

E era vêr o brilho intenso do olhar de Alves Reis ao recordar este promenor único da sua vida, para ter a certeza que, mais de que o dinheiro, foi essa certeza de predomínio que levou o construoção do edificio portentoso da do Angola e Metrópole. Esta declaração de Alves Reis — que ele nunca tinha feito e nós não revelaríamos



ALVES REIS

se ele não tivesse já sido julgado e pudesse por ela ser incomodado — é, de facto, a única explicação para a montagem de grande espectáculo que é o Angola e Metrópole. E, como por enquanto, admitida esta hipótese, logo salta ao espirito a explicação para muitos factos até agora inexplicáveis.

Por exemplo, a compra de armas, feitas várias vezes por José Bandeira, e que ele explicou dizendo ser para a China; as relações com ingleses e alemães; a inermisção no complicado processo de Hennies, aventureiro judeu alemão, ainda hoje envolto em denso mistério; a justificação para a técnica dos financiamentos



em Angola, que não os faria melhor uma nação que por esse processo pensasse em absorver outra. Tudo se explica, e a razão de ser do Angola e Metrópole fica clara e definida.

O mobil do crime

Foi por isso que, quando naquela noite, já depois das duas da madrugada, quando com a sala repleta de gente o dr. Simão José lia a sentença que tão profundamente emocionou juizes e advogados, réus e publico, só Alves Reis encarava de frente o futuro, fiado em que a sua estrêla se não apagára ainda.

E' esta uma hipótese sôbre um facto que ainda não teve explicação. Estará aqui a verdade? Era este o «sonho de Angola» com que Alves Reis quiz tantas vezes justificar o seu crime?

Só Alves Reis o poderá dizer — e ele, certamente, nada dirá...

COSTA JUNIOR

Falsos médicos

Quem é o dr. Damião de Brito ou o "Damião Bruxo"



O prometido é devido. Prometemos num dos últimos números do nosso jornal tratar do perigo social que é o exercicio da medicina por cavalheiros que se intitulam médicos, sem para isso estarem legalmente habilitados, e vamos cumprir.

A fauna desses varões é numerosa. Torna-se difficil descobrir a todos, mas lá iremos, com tempo e paciência.

Comecemos hoje pelo Doutor Damião António de Brito, figura muito conhecida em Lisboa devido ás suas cabotinices, que chegaram ao ponto de fazer publicar nos diários de grande circulação, com sinal de pago, noticias elogiosas para a sua pessoa, ilustradas com o seu retrato.

Natural de Olhão, onde exerceu a profissão de latoeiro, que tambem era a de seu pai, este cavalheiro veio um dia para Lisboa, onde começou a intitular-se médico fisiopata...

Na terra da sua naturalidade era conhecido pelo Damião Bruxo, tal era a sua habilidade em deitar cartas e fazer outras aldrabices iguais, o que fazia acorrer a sua casa numerosas pessoas que acreditavam na ciência que alardeava.

Na capital fez-se passar por especializado em fisiopatia, ciência que afirma desconhecida entre nós, mas que no estrangeiro se está desenvolvendo na cura das doenças consideradas incuráveis.

Ultimamente, no mês passado, fez anunciar nos jornais, pagando, que por motivo do "muito reconhecimento que os seus clientes lhe devem pelas curas ultimamente operadas pelo seu processo científico", se havia realizado um banquete de homenagem a sua pessoa, illustre fisiopata, (sic) "promovido por um numeroso grupo de amigos, entre os quais se encontravam médicos, engenheiros, professores, artistas, letrados e jornalistas".

Como facilmente se verifica, a intrugice e a cabotinice chega ao

ponto de se pregar a publicação duma noticia auto-elogiatica, na qual de mistura com a falta de gramática, se mostra a maior falta de respeito pelos leitores do jornal que a publicou, pela mentira descarada que em toda ella se contém.

Depois de o inclito cavalheiro se chamar a si próprio doutor, vem dizer-nos que um grupo de amigos — todos são clientes do falso doutor — lhe promoveram um banquete de homenagem pelo muito reconhecimento dos seus clientes. Querem coisa mais mentirosa e descarada?

Não haverá maneira de se acabar com estes cavalheiros que se atrevem a arrogar-se qualidades que não têm, pondo em sério perigo a vida dos incautos que se lhe entregam, cónscios de encontrarem a cura para os seus males, atraídos por falsos réclames?

A quem de direito se recomenda o caso presente, simples amostra do muito que vai por esse país.

PUBLICAMOS no nosso jornal, não ha muitos numeros, um suelto indicando um homem a quem os médicos do Hospital S. José se recusaram a tratar por incurável, e que tendo ido a um ferrador quasi nosso visinho, dali saiu quasi curado. O facto causou sucesso e justificada surpresa, e desde esse dia têm sido bastantes as pessoas que exultantes entre o médico e o ferrador, nos vêem pedir o nosso conselho.

E nós — firmes na nossa consideração e respeito pela ciência — estamos exultantes. E' certo que o médico tem obrigação de curar, mas o facto é que quem curou foi o ferrador, e daí o não sabermos quem aconselhar. O ferrador? O médico? As pessoas que nos escrevem que escolham que nós vamos pelos dois, visto parecer que ambos se completam...

Já lá dizia o Bocage: Ha entre o Frade e o Burro...

há dias, um grupo de portugueses que assistia ao espectáculo do Grand-Guignol de Paris, julgou ver, numa evocação e comentário da peça "Une Nuit au Rouge" um desrespeito pela ordem de Cristo, de Portugal. E electrocutados por uma sagrada indignação

RECLAMES A PORTUGAL

patriótica esses mosqueteros da Boa Fama protestaram, e organizaram comissões, soliciaram intervenção diplomática, realizaram démarches junto do director do Teatro Jack Jouvin;— do autor da peça—Charles Mére; e não sei se chegaram a incomodar o ponto, o contra regra, a imprensa e Mr. Briand. Todos eles pasmaram ante a sensibilidade dos nossos compatriotas;—e delicadamente confessaram não só o maior respeito e amor por Portugal—pela Cruz de Cristo, como a sua incompreensão sobre a causa do melindre, visto que a frase provocadora de tais protestos não levava a minima intenção ofensiva ou de ridículo...

Não existe povo mais chauvinista do que o francês—o que não impede para que aquelles senhores sejam sinceros nas declarações que fizeram—porque, de facto, não é fácil a um francês, a um inglês, a um alemão atingir esse exagerado amor-próprio de certos povos latinos—o português, o brasileiro, o argentino, o peruano, o chileno, etc.—amor próprio que se agrava por um sentimento bairrista hipertrofiado e sensibillissimo.

Se amanhã apparecer uma revista de Variedades ou do Avenida—um parisiens; ridiculo, um inglês caricatural (quantos não tem desplado por esses palcos!) nenhum membro da respectiva colonia pensará em protestar. Pelo contrario; será em franca galhofa, se a charge siver graça de verdade... Se elles—nas suas peças, dos seus romances, não fazem ferimônia em trocarem das suas próprias riquezas... Em Espanha, rara é a zarzuela em que não appareça um andaluz parlapatão e basofante, um galego velhaco e palouço ou um catalão egoista e avarento como um judiu. E essas zarzuelas representam-se na Andaluzia, na Galiza, na Catalunha; e o publico ri e aplaude—sem se melindrar! Mas ai do autor que se lembre meter em cena ou em livro um brasileiro cómico, um peruano assustado, um chileno infeliz nos amores. «Mi patria no puede permitir que sus hijos que son nietos de Bolivar, el glorioso, sean caluniados de modo tan grosero! exclamarão os chilenos.» «El Peru es la mayor republica del mundo y no puede dejar que lo insulten tan miserablemente! Dirá o peruano!»—«Voz de seguida telegrafar a mi Gobierno para que tal ofensa sea castigada con sangre! ameaçará o boliviano!

Este incidente de Paris, não é inédito. Ainda ha poucos anos Mistinguette foi perseguida pelos portugueses que a viram no *Moulin Rouge* cantar o fado com uma *toilette* de fantasia que recordava os *gauchos* argentinos. «E' um insulto para Portugal, supór que o fado—gloria lusitana—é um *sobejo* do tango! «Outra vez, em Madrid, os protestos foram contra Munoz Seca que escreveu uma farça em que apparecia um deputado português, mentiroso, exagerado, ridiculo. «O que faria o senhor se estivesse em Lisboa e visse num palco um espanhol tão caricatural

com esse português?»—perguntaram os nossos compatriotas ao governador civil de Madrid, admirados da pouca importancia que elle ligava à sua indignação.—«O que faria eu? disse D. Miguel Tugal, o governador citado. Pois... acharia muito graça—que era a forma de provar

que os hespanhoes não eram aquilo que o autor imaginava!»

Portugal é um país quasi ignorado fóra das fronteiras; perde-se no molho das nações empacotadas sob o rotulo de *lá-bas*—a Rumania, a Servia, Finandia, a Tcheco, guatemala etc. E contudo, pela nossa historia, pela nossa categoria de império colonial—não deveriamos estar nivelados a esses países—brinquedos, ou estados improvidados pela guerra. De quem é a culpa? Nossa, seguramente... No seculo XX faz-se a propaganda dum país com a mesma técnica com que se lança uma marca de automovel ou de sabão.

Essa ignorancia sobre Portugal—atinge, por vezes, confesso, proporções irritantes. Hei de lembrar-me, cem anos que viva, da resposta que o romancista inglês Edgar Wallace me deu—quando lhe perguntei, em Londres, qual era o autor português que mais lhe agradou.—«D. Quixote... disse Wallace com um ar de superioridade erudita que mais me indignou ainda.

Em todo o caso achava prudente que os portugueses dominassem os impetos do seu amor-próprio—sempre que se defrontam com evocações—erradas ou menos lisongeiras sobre o país—porque, por muito irritantes que sejam, temos de agradecer o facto de se lembrarem de nós. E' um reclame que é de reclame que Portugal necessita.

—«Chamem-me violador da historia, palhaço da literatura, *souteneur* do publico—mas falem de mim! dizia Dumas, pai... Falando de mim, mesmo mal, provam que não me esquecem!

Apliquemo-nos el cuentol

R. X.



LIVROS NOVOS

«T O L E D O »

Volume de «Impressões e Evocações», por Antero de Figueiredo

Antero de Figueiredo, um dos melhores mestres da prosa portuguesa, publicou recentemente um volume de viagens e de arte que intitulou *Tolêdo*—«impressões e evocações»—que é mais uma prova do real talento do autor dos *Cómicos* e da *Doida de Amor*.

Antero de Figueiredo que tem inimigos, que tem detractores,—e isso só demonstra o que tantas vezes está provado que nesta terra é criminoso ter-se talento—conta-nos o que há de encantamento no prazer de viajar, conhecer coisas e pessoas novas, viver ambientes e estados de civilização diversos; Viajar, efêmero raio verde, mal enxergado ao sol poente que num instante fulge e num instante morre; e que quem o viu nunca mais o torna a ver—como bem o define o autor das *Jornadas em Portugal*. As descrições feitas pelo autor tem o condão de nos encantar, pois como a paleta do mais subtil artista, que define todos os tons e todas as sombras, a pena de Antero de Figueiredo ganha novas expressões, descreve curvas extraordinárias para nos fazer sentir e nos fazer pensar perante a emoção que o extasiou nas suas peregrinações através de Tolêdo, essa cidade característica da castiça Espanha, cidade onde as mesquitas passaram a ser catedrais ou sinagogas, onde as architecturas se acomodaram sem escrúpulos, onde nos harens se instalaram conventos, cidade-cemitério onde há o pó dos fanáticos do Kórão e o pó dos obcecados [do Evangelho, pó caído e morto que certas noites se levanta e revive, spectralmente, em rondas macabras.

Tolêdo é hoje, e bem o soube descrever Antero de Figueiredo, o grande cartaz da vida moderna, trepidante, desenhado sobre um fundo antigo, cheio de cor. E, se é possível, a grande cidade tradição ganha mais cor, mais encanto, com a descrição que dela fez o autor de *Tolêdo*.



O tráfico da loucura

Um manicómio na rua Carvalho Araujo

A legenda de um prédio — O carvoeiro malcriado — Relampago da investigação detectivesca — A evolução do homem dos cisternes — O golpe do reporter — Estatutos bizarros — A entrevista com madame alienista — A lei, um médico, os diagnósticos e o recolhimento dos loucos

○ número trinta e nove daquela rua que perpetua em uma lapide negra, rasgada pelos caracteres de um nome que é um símbolo na marinha de guerra, um nome que é um herói da brutal guerra marítima, Carvalho Araujo, parece uma legenda de convulsão mental ou o epitáfio de um túmulo de vivos. As janelas do primeiro andar, hermeticamente encerradas, umas cortinas discretas com aparência de mradia silenciosa, não deixam transparecer uma intimidade de tumulto, esbatido por espasmos e esgares de loucura. E, todavia, além das vidraças dessas janelas simples do primeiro andar do prédio trinta e nove da rua Carvalho Araujo, existe uma frincha manicomial, por onde não conseguem espreitar alguns loucos recolhidos pelas disposições do decreto de onze de maio de mil novecentos e onze. E' um dos manicómios clandestinos de que há dias falamos.

As duas personagens da «Chic», que naquela noite de surpresas foram fixadas pela objectiva jornalística, envolviam-se naquele vai-vem humano de pessoas que o mercado proximo deglutia num sorvedouro de transacções comerciais. Uma delas entrou discretamente num carvoeiro, no número trinta e sete, da rua Carvalho Araujo. O proprietario, autentico súbdito da La Cierva, pouco cidadão de Indalecio Prieto, respondera grosseiramente aquele enigma que dias antes, nas mesas da «Chic», caricaturava a carvão, talvez com o mesmo que se vendia naquele estabelecimento do número trinta e sete, as figuras notivagas do Café, e que minutos antes, junto ao local onde o «Manuel dos Passarinhos» diluía o culto dos mortos, através copos sujos de vinho, nos tempos de Lisboa antiga, não o informando se no prédio visinho morava um senhor Frederico Vilhena, um cavalheiro que negociava com a loucura como aquele carvoeiro mercadeja com as bolas...

O relampago da investigação detectivesca riscou um fluido na pista a seguir. Há dias que as duas estranhas figuras estavam sendo observadas pelo «reporter». Uma «gralha» tipografica na legenda do prédio da rua Antonio Pereira Carrilho, indicando que é ali «onde está», quando deveria dizer «onde esteve instalado um manicómio clandestino» animaram os dois traficantes da loucura, julgando o «reporter» desorientado em campo de pesquisas. Mal sabiam que o jornalista acompanha a evolução terapeutica desse senhor Vilhena desde uma celebre Casa de Saude no Campo Pequeno, um consultorio na rua do Arco do Cego, um manicómio na rua Antonio Pereira Carrilho e agora na rua Carvalho Araujo, trinta e nove, primeiro andar. E sempre, á face da lei, este gracioso monárquico, que atribue a loucura ao mau funcionamento dos intestinos, tem governado a sua vidinha recolhendo loucos e tratando-os pela sua terapeutica bizarra a tantos escudos por dia.

O manicómio sem grades

A fisionomia daquele prédio iluminado por uma pintura fresca, de janelas recatadas e sem exteriorizações confundi-nos. As flechas da interrogação crivavam-nos com dura brutalidade. E' impossivel recolher ali loucos, mergulhar os seus ruidos sem os visinhos notarem. E estes, por maiores sondagens respondiam com inva-



riaveis respostas: «não me consta», «não dei por isso», «não deve ser aqui». Um dos interlocutores chegou mesmo a indicar-nos a rua Antonio Pereira Carrilho, pois era ali que o «Reporter X» dizia existir um manicómio clandestino!

Dentro de algumas horas um estratagema, um golpe dos que os «reporters» tem de vibrar para rasgar a densidade do ignoto, fornecia-lhe a onda hertziana do manicómio clandestino da rua Carvalho Araujo. Era, de facto, no número trinta e nove, mesmo ao lado daquele carvoeiro malcriado que talvez tenha entendimentos com o famoso médico sem diploma. O manicómio da rua Carvalho Araujo não tendo grades nem muros de vedação é um autentico recolhimento de loucos não perigosos, de mais de 40 anos, loucos que não dão prejuizo, nem

Penetrar naquele primeiro andar não é missão muito simples, tanto mais presentando-se ou farejando o «reporter». Com uma visita àquela casa não se faria uma reportagem concreta, com todos os elementos de informação que pudessem completar a de um dos numeros anteriores. Os factos valem mais do que o hissope retorico, e o jornalista minutos depois instalava-se no manicómio como um cliente da Lourinhã...

Os estatutos da loucura...

A impressão inicial que se recebe naquêlê bizarro manicómio não é desagradavel. O primeiro andar do prédio trinta e nove da rua Carvalho Araujo, de construção recente, lavado de oxigénio, aberta de luz e perfumado de boa hygiene é uma moradia que satisfaz. Como casa de habitação não tem reparos a fazer. Adaptada a manicómio oferece-nos outro aspecto porque não tem condições de segurança e não possui instalações para loucos. Estes para viverem ali sem serem presentidos pela vizinhança têm de viver em regime de sequestro. E tratando-se de inofensivos dementes recomendava-se um pouco de recreio e não um perpetuo isolamento. A diferença entre uma boa moradia é um manicómio é, pois, flagrante.

O jornalista, hipoteticamente um cliente da Lourinhã, foi recebido por uma senhora idosa, talvez de 60 anos, de maneiras agradaveis, mas de raciocinio influenciado pela casa. Disse-nos essa senhora, D. Adelaide Vilhena, que fóra a fundadora desse manicómio clandestino, desse hospital de alienados que tem uma enfermaria e dez quartos, cada um destes uma cama de ferro, uma mesa de cabeceira, uma cadeira de braços (de palha) e outra vulgar. O manicómio da rua Carvalho Araujo tem uns estatutos como qualquer agremiação. E esses estatutos não permitem a admissão de doentes com menos de quarenta anos e que sejam furiosos. Não se querem lá doentes maus e novos.

Conversamos alguns instantes com «madame» alienista, do manicómio clandestino da rua Carvalho Araujo:

— Tenho uma parente louca que precisa internamento... — disse o jornalista

— Tem menos de quarenta anos? E' furiosa? Não causa prejuizo?

— Não minha senhora. E' inofensiva.

Tranquilizou-se um pouco a fundadora do manicómio, e acrescenta:

— O médico da minha casa é um dos do hospital de Rilhafoles, actualmente em Africa. E' ele que visita os meus doentes e indica o tratamento.

— E quais as condições de admissão?

— Olhe. Não tenho esta casa para exploração. Os ricos pagam vinte e cinco escudos por dia para alimentação. Extraordinarios e medicamentos correm, é claro, pelo doente.

— E com ar de benemerita:

— Fiz ha tempos uma promessa...

A curiosidade espevitou-se:

— Qual foi?

— De admitir gratuitamente, quando poder, os doentes que apresentarem «testado de pobreza».

(Conclue na pag. 14)

O "MAU OLHADO" e a "PRAGA"

"S.E. aceitarmos, disciplinadamente, como dogmas científicos, certos fenómenos como os de influência psíquica — a telepatia, o magnetismo, o hipnotismo — não necessitamos de um grande esforço para transgirmos com as variantes desses fenómenos — que os antigos agrupavam sob o dístico de «bruxedos». O «mau olhar» e a «praga» são tão verosímeis como a «transmissão de pensamento» ou como «o domínio pela hipnose».

E' assim que o médico inglês, Dr. H. S. Millan — amigo e colaborador de Conan Doyle inicia o seu último e desconcertante livro, «The Black and White Mystery». O assunto, que impressionou o público britânico mais pela novidade do que pela audácia — interessa directamente os ibéricos — sobretudo os portugueses. Em nenhum outro país o «mau olhar» e a «praga» se vulgarisaram tanto como no nosso. Uma farta maioria da nossa gente vive sob esse terror. Uma curta successão de fatalidades — ou de banais contrariedades — basta para que a atribuam ao «enquiço» dum visinho rancoroso ou à maldição duma velha odienta.

Os descrentes na matéria, riam-se e negavam a menor verosimilhança nestas lendas. Mas os que se contentavam em observar, não acredi-

Millan: «Os povos fanáticos, os ciganos, por exemplo, não separam estes fenómenos da religião que professam atribuindo a Deus a sanção do seu odio — ou do odio que os persegue e os fulmina, praticando-o como num ritual. Para estudar este assunto é indispensável abstrairmos de toda a ideia religiosa em carando-o apenas atravez dos recursos de sciência moderna. Estando provada a existência de uma força psíquica; sabendo-se que esta força, nalguns individuos, se desenvolve e atinge o mais alto poderio; que esses individuos conseguem applicá-la sob a vontade alheia — como por exemplo, no hipnotismo, podemos assentar em que o «mau olhar» é uma variante do hipnotismo, a criação duma força, obra de uma vontade psíquica excepcional. O que o Dr. Millan diz do «mau olhar» — poder-se-há empregar na praga, seja ella ou não lançada dentro de uma igreja e frente a um altar?

(Sinistras coincidencias e a explicação científica do «magnetismo do odio»)

O ritual da maldição. — O incendio do Ginasio. — A que não tinha «mau olhar»... — A noite tragica. — Antonio Granjo e Alfredo da Silva. — O homem que derubava governos. — A crendice de Hintse Ribeiro.

filha pequena e quiz continuar a trabalhar. Súbito todas as portas se lhe fecharam. Não havia um empresario que a quizesse, um autor que a consentisse. As vezes horas depois de a contractarem — vinham à pressa, desligar-se do compromisso tomado. Vários casamentos a rondaram — e alguns de bom futuro; mas logo se quebriam — inexplicavelmente. E um dia algum



HINTSE RIBEIRO

tando, nem desmentindo, eram forçados a reconhecer a existência de coincidencias alarmantes.

A praga

O Dr. Millan occupa-se quasi exclusivamente do «magnetismo do odio» — ou seja «mau olhar» — evocando apenas a «praga» — sem nos revelar a sua dinamica psíquica.

Conhecemos um pobre rapaz, cuja meninice e juventude não podiam ser mais acarinhados pela sorte e que, subitamente, resvalou num precipicio de fatalidades. O amor, a gloria, a fortuna — todas as suas torres de ouro se esfarelaram de repente — atribuindo-o ele a inveja e às pragas de seus parentes menos protegidos da sorte. Mas, no meio da sua desventura, alegrava-o a certeza de se ter vingado, porque todos os que o haviam amaldiçoado, tinham sofrido igual castigo — e por decreto da sua vontade. Como nos mostrassemos incredulos ante a firmeza da sua convicção — confidenciou-nos: «E' que eu sei lançar bem uma praga». Explicou então que, sempre que queria amaldiçoar quem o prejudicava, entrava numa igreja, encaminhando-se para o Altar do Santissimo — dizem do: *Que o mal que Fulano me deseja caia sobre ele — se for justa esta praga!*

Por maior que seja a justiça que nos cabe — a praga é uma explosão de odio; e por muito pouco crente que sejamos não podemos admitir a hipotese que Deus aceite dentro do seu templo, frente ao seu altar, uma súplica de odio! Mas para reconhecermos a realidade da praga — seremos obrigados a aceitar a teoria do Dr.

O mau olhar artificial

A creença no «mau olhar» não se limita às aldeias, aos povos de espirito primitivo e ingénuo: nas cidades — em Lisboa várias pessoas estão no *index* como possuidoras desse tão mal-faço e diabolico poder: Artistas, escultores, empregados do commercio, médicos. Quantas vezes um amigo nos segreda, mal-humorado: «Hoje o dia vai correr-me mal: Vi, logo pela manhã, Fulano — e já sei que não ha mal que não me suceda!» E o facto de perder o comboio, do café lhe ter caído mal no estomago, de haver tropeçado na rua, do vigéssimo estar branco — tudo é consequência do maldito encontro, do «mau olhar» de Fulano! E assim, em alguns casos, auto-sugestionamo-nos, enervando-nos e provocando nós proprios os dissabôres que depois nos servem para argumentar contra a «maldição que nos «preparam».

Também é vulgar dizerem-nos: — Os negocios de Z... vão de mal para pior. Pudera! Meteu lá em casa o guarda-livros W. — e W. leva azar com elle! Esta afirmação basta para destruir uma vida, por crear à sua volta a fama de «azarento» impedindo-o sequer de ganhar o pão — e muitas vezes sem menor base de veracidade. Conhecemos um caso — mais grave e doloroso ainda. Uma jovem actriz, casada, honesta, fôra feliz durante os poucos anos de teatro. Enviou com uma

O INDUSTRIAL E FINANCEIRO
ALFREDO DA SILVA

que a protegia, extranhando tanta fatalidade — investigou as causas. Um homem a pretendia quando era ainda casada; e como ella o repelira com toda a repulsa da sua dignidade — o enamorado expulso vingara-se cochichando por toda a parte que ella tinha *mau olhar*; que a sua presença ou apenas visinhança fazia explodir todos os depositos do azar!

Casos... Coincidencias?

Mas se existem casos em que o *mau olhar* é *mau olhar* de quem o propaga — outros ha em que o observador menos supersticioso é obrigado a reconhecer... a *coincidencia* — pelo menos. Este sujeito magro, d'olhos negros, prestanudos, as brancas a alvejarem sob o chapéu de côco, sempre irreprensivel no trajaz que aparece às vezes no «Martinho», que passeia no Rocio, entre as 5 e as 7, sempre só, sobraçando jornais, triste tímido, que todos conhecem de vista e ha muitos anos mas que ninguem sabe, ao certo, quem é — simbolisa um desses casos. Viram-no parado, frente ao Ginasio — na vespera do incendio que destruiu, ha anos, aquele velho teatro lisboeta.

Os reporteres que em missão jornalística rolopiaram ao sabôr dessa sinistra e enigmatica pirueta da nossa Historia Contemporanea, que foi 19 de Outubro, contaram este episodio. Na tarde de 15, o desditoso Antonio Granjo recebera a communicacão telefonica dum desconhecido que,

(Conclue na pag. 15)



O DESVENTURADO ANTÓNIO GRANJO



RÁDIOS SENSACIONAIS

de Janeiro, acusa progressos se: siveis sobre os números anteriores, tornando a *Imprensa Policial* um dos melhores jornais da especialidade, por nós conhecidos.

Para que serve? A Misericórdia de Lisboa tem espalhados pela cidade alguns balneários que á população da cidade, principalmente ás classes populares, tem prestado importantes serviços.

O melhor de todos eles e o único pelas condições em que se encontra instalado, pode cumprir o fim que teve em vista a sua instalação é o Balneário da rua da Esperança. Pois é este, exactamente, aquele que está sempre... sem poder funcionar. Hoje porque tem uma caldeira estragada, amanhã porque adoeceu determinado empregado (!), hoje por isto ontem por aquilo, facto é que o balneário que podia prestar excelentes serviços não os presta.

Não se poderá remediar este facto? Lucraria com isso o publico e lucraria também a Misericórdia... porque os banhos nos balneários publicos—são pagos.

Entrevistas e jantares de homenagem... São velhas praxes e formas de homenagear que nos tempos coire tes, em

que os *ilustres* são aos cardunes, está tomando foros de epidemia. Pua! o teve um filho? Um banquete de homenagem... Pêz um mau livro, passou a fronteira, fêz anos, casou-se, escreveu uma poesia, foi á provincia, foi presc?... Vai um banquete de homenagem com os inevitáveis discursos que nunca dizem nada...

Como os banquetes, as entrevistas são também o pão de cada dia, e outra forma de homenagear toda a gente. Hoje, nos nossos jornais todas as pessoas tem categoria para conceder entrevistas, desde o burlão mais emérito ao carroceiro que se declarou em greve.

Logicamente que aplaudimos estas formas de homenagem quando justas, por isso mesmo criticamos os exhibicionismos das *auto-entrevistas* e as jantaradas de homenagem levadas a efeito pelos... homenageados.

Uma neta de Camilo na miséria

O magnifico jornal *Gazeta de Coimbra* publicou há dias uma reportagem que era um verdadeiro grito de alarme a favor da neta de Camilo que se encontra na miséria. Triste sina a do grande romancista, acochado sempre pela fatalidade que persegue, parece, ainda os seus descendentes.

Essa reportagem, assinada pelo nosso camarada António Cruz, repleta de fatalismo e verdade, é um documento vivo da atmosfera de ingratidão que envolve a snr.^a D. Raquel Castelo Branco, que merece inteiramente a nossa solidariedade, e nos lembra as palavras proféticas de D. Ana Plácido—outra grande desventurada,—quando nos dizia: —Respeitem nos que sofrem a memória dos que muito padeceram...

Por nossa vez, repetimos também a pergunta: Quem acode á neta de Camilo?

Arquivo Nacional

Dirigido pelo grande jornalista Rocha Martins que aos problemas que á nossa historia interessam tem dedicado o melhor do seu estudo e do seu tempo—que bem aproveitado tem sido—iniciou a Sociedade Editorial A. B. C., Lda a publicação dum novo semanário a duas côres, com muitas gravuras, intitulado *Arquivo Nacional*.

Com o seu titulo de «Arquivo da História Antiga e de Crónicas Contemporaneas», a nova publicação soube conquistar o favôr do publico—favôr que neste caso só representa justiça.

Uma obra de arte que se perde

O convento de Santa Maria de Celas, em Aveiro, é há muito considerado um monumento nacional—que aos poucos se perde pela incuria dos homens.

Essa preciosa joia do nosso patrimonio artistico, tão apreciada de artistas e arquiólogos, cuja fundação data do século XIII, está no risco eminente de se converter num montão de ruínas, desaparecendo inteiramente nos escmbros do desmantelado telhado que enquadra a rica obra de escultura, produto duma arte cheia de exuberância, de sentimento e de graça, como autorisamente disse o mestre Antonio Augusto Gonçalves.

Não haverá quem acuda ao mosteiro de Santa Maria de Celas, e já—porque depois será tarde.

Extrema penúria

Chega até á nossa redacção um rumor que podemos considerar um rádio extraordinario. A legação dum país estrangeiro acreditado em Portugal acaba de despedir a criadagem porque o país que representa, assoberbado com metiplas questões que agora o tem tornado falado nos jornais, se tem esquecido de enviar as importâncias que constituem a respectiva dotação. Que dirão a isto os nossos diplomatas, sempre queixosos dos fracos recursos das dignidades que desempenham?

Que dirão ao heriosmo deste estrangeiro que se priva de automovel, de telefone, despede os criados... mas não abandona o seu posto.

Imprensa Policial

Temos recebido com regularidade este magnifico jornal brasileiro de que é director o distinto jornalista sr. Euclydes Sant'Anna que num dos seus ultimos números chegados a Portugal se referia com palavras de muito carinho ao *Reporter X*.

(Os números que temos presente, o 14 do 3.^o ano, referente á primeira semana

Quereis dinheiro?

Jogal no

Gama

R. do Amparo, 51 - LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

A ZEITE

SANTA CRUZ

O melhor para mesa

RUA DO ALMADA, 179-1.^o

TELEPHONE 4998 - PORTO

Café Agua d'Ouro

Praça da Batalha

PORTO

Entre os melhores cafés da *Invicta* distingue-se pela sua seleccionada frequencia, e pelos seus esmerados serviços de *café e cervejaria*.

O seu grandioso *Salão de Bihãres* é dos mais bem montados de Portugal.

Não esqueça visitar o esplendido «*Café Agua d'Ouro*».

Aberto até ás 2 horas da manhã

A Caçada às Feras

Por mais algumas semanas foi adiada a efectivação do nosso concurso

O êxito evidente do nosso no Concurso «Kolosso» «Caçada às Feras» ultrapassou, os nossos calculos mais otimistas. Mas tendo ele coincido com a nossa reorganização e com a mudança de oficinas graficas; e não estando as novas oficinas preparadas, de inicio, para um aumento tão imprevisível e extraordinario de tiragem, que o Concurso provocava de numero para numero; defrontamo-nos com inumeros e desagradaveis atritos que influíram no atraso da saída do «Reporter X», que ha duas semanas se publica ao sabado em vez de sexta-feira, e que, entre outras contrariedades causavam a chegada tardia aos nossos agentes da provincia.

Destá forma o nosso dilema era não atender o aumento constante de pedidos ou então sujeitar-nos um importante numero de leitores da provincia a receber o jornal num dia que tornava difficil, senão impossivel, a sua intervenção no Concurso. Não podendo nós honestamente optar por uma nem por outra formula, decidimos pelo maior prejuizo—o nosso—em favor do publico; interromper em pleno triunfo e apenas por algumas semanas o Concurso da Caçada às Feras. Lamentamos o facto—mas procuraremos, como sempre, que entretanto o interesse jornalístico do «Reporter X», possa recompensar a lacuna do Concurso.

Resultado da primeira caçada

HIENA	ONÇA	RALO	COLIBRI	ESCORPIÃO
-------	------	------	---------	-----------

Relação dos premiados na 1.ª CAÇADA ÀS FERAS.

Em Lisboa

1.º Prémio de esc. 500\$00 — Senha n.º 2.040.

2.º Prémio de esc. 100\$00 — Senhas n.ºs: 1.111 1955 2247 2257.

3.ºs Prémios de Esc. 25\$00 — Senhas N.ºs:

1052, 1067, 1099, 1101, 1178, 1183, 1269, 1275, 1289, 1348, 1374, 1379, 1387, 1399, 1134, 1321, 1443, 1451, 1456, 1477, 1493, 1516, 1519, 1572, 1580, 1586, 1592, 1635, 1731, 1743, 1908, 1917, 2067, 2080, 2104, 2126, 2171, 1541, 2184, 2193, 2206, 2224, 2225, 2227, 2234, 2242, 2246, 2250, 2286.

4.ºs Prémios de Esc. 10\$00 — Senhas N.ºs:

1017, 1018, 1022, 1028, 1042, 1044, 1045, 1048, 1055, 1056, 1058, 1086, 1089, 1095, 1108, 1115, 1122, 1123, 1142, 1143,

1146, 1147, 1150, 1170, 1172, 1173, 1181, 1202, 1204, 1245, 1261, 1278, 1287, 1290, 1291, 1292, 1295, 1297, 1308, 1316, 1317, 1322, 1383, 1391, 1401, 1404, 1409, 1416, 1422, 1424, 1442, 1449, 1461, 1464, 1504, 1508, 1512, 1514, 1517, 1533, 1544, 1546, 1553, 1557, 1558, 1562, 1563, 1564, 1576, 1577, 1588, 1590, 1596, 1606, 1614, 1619, 1621, 1630, 1641, 1658, 1664, 1681, 1729, 1730, 1795, 1885, 1887, 1888, 1891, 1894, 1899, 1913, 1916, 1925, 1931, 1957, 1961, 1965, 1976, 1991, 1992, 2013, 2015, 2031, 2064, 2087, 2060, 2103, 2113, 2114, 2118, 2125, 2130, 2134, 2135, 2138, 2146, 2154, 2156, 2163, 2160, 2173, 2176, 2178, 2181, 2190, 2196, 2200, 2209, 2210, 223, 2217, 2218, 2221, 2222, 2226, 2229, 2233, 2251, 2252, 2256, 2250, 2261, 2265, 2274, 2276, 2290, 2297.

No Porto

1.º Prémio de Esc. 500\$00 — Senhas N.ºs:

12 238 477, 535, 830 855, 933.

2.º Prémio de Esc. 100\$00 — Senhas N.ºs:

21, 43 51, 103, 138, 190, 224, 332, 381 412, 416 454 474, 484, 488, 526, 560 571, 597 633, 676, 719 723, 866 893, 897 915

3.ºs Prémios de Esc. 25\$00 — Senhas N.ºs:

1, 5, 10, 13, 22 33, 44, 45, 46, 55, 57, 60, 62, 64, 72, 79, 83, 86, 88, 94, 97, 122, 123, 128, 135, 143, 146, 162, 165, 186, 189, 194, 195, 204, 212, 222, 226, 234, 244, 245, 247, 260, 263, 270, 276, 277, 278, 292, 300, 305, 308, 312, 325, 328, 331, 349, 356, 357, 364, 369, 371, 374, 376, 378, 380, 382, 384, 390, 392, 400, 413, 420, 447, 459, 475, 481, 482, 489, 499, 517, 518, 521, 532, 534, 535, 543, 550, 565, 578, 583, 587, 595, 596, 613, 618, 619, 627, 635, 636, 640, 641, 645, 654, 659, 662, 663, 668, 673, 682.

Um manicómio na rua Carvalho Araujo

(Conclusão da pag. 11)

Quanto ao nosso doente: — Eu e meu marido iremos ver a doente de que v. ex.ª nos fala. Se não for furiosa e não tiver menos de quarenta anos será admitida.

A senhora dona Adelaide, mulher do sr. Frederico Vilhena, informa-nos por ultimo que esta pensando em montar um hospital em maior escala, noutro sitio onde a visinhança não incomode os doentes. Ali só o carvoeiro malcriado garantiu-nos essa senhora—é que é uma excelente creatura e muito delicado... O negocio parece tentador.

O Manicómio da rua Carvalho Araujo, que recolhe neste momento dois doentes, tem um médico em Africa e os diagnosticos são feitos pelo sr. Vilhena e sua mulher, seguindo a classica terapeutica dos clisteres, visto em sua opinião a loucura ser uma determinante do mau funcionamento dos intestinos.

A lei tambem permite esta concessão?

FRED

691, 693, 699, 701, 710, 711, 714, 716, 722, 731, 732, 735, 737, 739, 741, 748, 752, 784, 700, 796, 805, 826, 832, 833, 840, 844, 845, 851, 867, 875, 877, 878, 888, 900, 911, 916, 917, 925, 941.

4.ºs Prémios de Esc. 10\$00 — Senhas N.ºs:

4, 8, 11, 23, 25, 26, 29, 34, 36, 39, 40, 41, 42, 47, 54, 58, 70, 77, 80, 82, 84, 85, 87, 90, 92, 109, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 121, 129, 131, 133, 137, 139, 140, 142, 145, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 156, 157, 158, 163, 164, 166, 167, 169, 170, 174, 179, 181, 182, 184, 187, 188, 191, 192, 193, 208, 209, 211, 213, 215, 216, 218, 219, 221, 227, 229, 231, 235, 237, 240, 241, 249, 250, 252, 254, 255, 257, 264, 268, 271, 274, 280, 282, 283, 285, 287, 288, 290, 292, 293, 298, 299, 301, 303, 306, 307, 313, 315, 316, 319, 320, 323, 324, 326, 329, 330, 337, 340, 341, 342, 343, 347, 350, 358, 359, 360, 362, 365, 367, 368, 370, 375, 377, 387, 388, 389, 391, 394, 395, 397, 399, 402, 405, 408, 409, 411, 414, 415, 418, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 430, 433, 434, 435, 441, 443, 448, 453, 455, 456, 466, 468, 470, 473, 478, 479, 485, 486, 491, 493, 494, 496, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 508, 509, 510, 511, 513, 514, 515, 519, 522, 523, 529, 531, 536, 542, 544, 547, 549, 554, 556, 527, 558, 566, 569, 570, 572, 576, 577, 580, 581, 591, 592, 600, 602, 609, 610, 620, 621, 623, 624, 625, 629, 630, 631, 632, 638, 639, 644, 648, 653, 658, 661, 664, 666, 667, 669, 671, 679, 681, 685, 687, 688, 689, 690, 695, 696, 703, 705, 707, 708, 713, 715, 718, 720, 721, 728, 729, 734, 736, 738, 740, 745, 749, 750, 753, 757, 758, 759, 761, 763, 766, 772, 773, 774, 776, 780, 781, 783, 785, 787, 789, 791, 793, 794, 797, 800, 801, 802, 803, 810, 811, 812, 813, 819, 816, 816, 817, 821, 822, 825, 828, 834, 838, 843, 852, 847, 856, 858, 860, 861, 862, 863, 869, 876, 880, 883, 887, 891, 895, 932, 903, 904, 909, 910, 913, 919, 922, 923, 926, 929, 930, 934, 937, 940, 943, 946.

Em Coimbra

1.º Prémio de Esc. 500\$00 — Senhas N.ºs:

66, 119, 133, 134, 138, 155, 184, 205, 255.

2.º Prémio de Esc. 100\$00 — Senhas N.ºs:

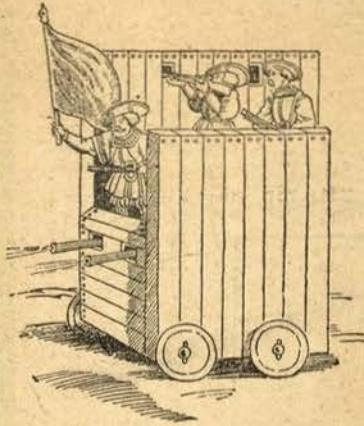
3, 11, 21, 26, 27, 32, 41, 43, 47, 48, 60, 74, 94, 97, 99, 118, 123, 126, 131, 142, 145, 152, 159, 177, 185, 192, 194, 200, 211, 227, 334, 237, 239, 254, 263, 266, 270, 273.

3.ºs Prémios de Esc. 25\$00 — Senhas N.ºs:

2, 7, 9, 12, 13, 14, 16, 17, 34, 35, 36, 37, 45, 46, 49, 52, 54, 58, 63, 68, 70, 73, 75, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 92, 100, 102, 104, 105, 108, 112, 116, 120, 124, 125, 127, 128, 136, 139, 140, 143, 146, 147, 148, 151, 160, 161, 163, 165, 168, 169, 178, 186, 188, 189, 190, 191, 193, 197, 198, 202, 203, 204, 207, 210, 212, 213, 214, 215, 221, 222, 225, 229, 230, 240, 242, 245, 246, 248, 249, 251, 253, 256, 258, 259, 260, 261, 265, 274, 269, 272.

A história dos carros d'assalto

Os persas e os gregos, antes de Cristo, e os franceses do século XVI—já usavam o «tank»



NO SÉCULO XVI... JÁ EXISTIA O «TANK»...

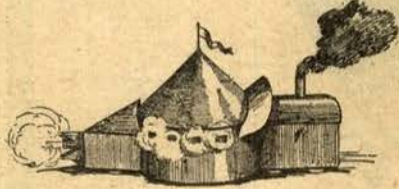
MR, Sharkey que acaba de morrer em Londres, é considerado pelos ingleses como inventor do «tank»—essa gigantesca tartaruga de ferro que surgiu na Grande Guerra, ejaculando fogo e terror... Mas... nada de novo existe sob o céu—e o «tank», como a metralhadora, como a bomba incendiária—era já conhecido nas batalhas mais antigas da História. O «carro de guerra» dos persas—«inventado» por Cyrus—foi, sem dúvida, o primeiro «tank»—Cyrus cercava o seu «tank» de lanças e laminas gigantescas—para ferir de morte todos os que apanhava à sua passagem. O inimigo mais animoso desertava quando os persas lhe lançavam essas «lanças»... Depois vieram os gregos com a sua «helepole» («conquistadora de cidades»), uma espécie de torre e máquina de assalto, erguida sobre enormes rodas que

facilitavam a deslocação em qualquer sentido. Os assaltantes, empoleirados nessa máquina, alcançavam as muralhas mais altas. A Idade Média desprezou estes engenhos—porque os seus cavaleiros, que se indignaram com o invento do canhão só queriam batalhar com espada e lança—mas no século XVI eles reaparecem. Em 1536 a França possuía carros de guerra, escudados e com seteiras; e pouco depois, Henrique III construiu enormes carros daquele genero, mas completamente fechados, cobertos. A sua deslocação era feita no interior onde varios soldados manobravam manivelas que, por sua vez, faziam girar as rodas. Autenticas auto-metralhadoras. Nos fins do século XVIII apareceram as primeiras *Fortalêsas-moveis*—armadas em ferro; e em 1860 Balbi, um francês, applicou a máquina a vapor à condução de carros blindados, contendo artilharia—a que se chamou «courageados terrestres». O *tank* actual parece ter nascido dum plano do inglês David Robard. Ninguém o tomou a sério; mas quando oito anos depois a Inglaterra se defrontou com as realidades das batalhas modernas, recordou-se do seu despreso compatriota. O plano foi posto em execução sob um tal sigillo—que a espionagem nem sequer suspeitou; e quando os primeiros *tanks* surgiram em Cancelettes—as tropas alemãs abalaram, cheias de pânico!

Donde nasceu o nome de *tank*? Correm varias versões. A mais verosimil é que o engenheiro que dirigiu o fabrico dos primeiros se chamava Tom *Tank* Burrell. Outros afirmam que um estrangeiro indiscreto tentava invadir o hangar onde estavam guardados—aparecendo um guarda que, apontando-lhe a pistola lhe perguntou se *queria entrar*; e que o estrangeiro, cheio de medo e na sua má pronuncia—agradecera: «*Oh! no! Tank you*»—em vez de *thank you*...



O «TANK»—TAL COMO SURTIU NA GUERRA MODERNA



A FORTALEZA VOLANTE DE BALBI (SÉCULO XIX)

O «mau olhado» e a «praga»

(Conclusão da pag. 12)

para o obrigar a falar-lhe, usara do nome dum continuo. «Caegue imediatamente à janela e veja quem está na paragem dos electricos. «Embora não desse importância ao conselho—o pobre Granjo encaminhou-se para a janela e, quasi sem reflectir, olhou... Olhou e viu um sujeito magro, duma magreza esgaldada que estava de olhos fitos... na janela! Nessa mesma noite, recordou esta scena a alguém, intrigado com o que se passara e rematando: «Aquele magriza não me é desconhecido e sempre tive por ele uma infimilia antipatia; mas nunca me enervou como hoje. Dir-se-lia que os seus olhos se dilatavam, que enchiam a rua. Não sou de crendices mas se fôsse ficava preocupado.» E estava-o de facto. Ora, por acaso, o jornalista que lhe escutou esta confidencia conhecia a fama que gozava—(e goza, porque é vivo ainda) o tal *sujeito magro*; e embora este detalhe fisico não chegasse para distinguir um individuo numa população de 600.000 almas—não hesitou sem saber porque em convencer-se de que se tratava... do mesmo convencimento que se fortaleceu na hora trágica do Arsenal. Mais tarde encontrou-se com o sr. Alfredo da Silva e bruscamente, abraçando-o, disse-lhe: «Não se volte, por amor de Deus!» «Porquê? perguntou aquele senhor surprehendido.» «Para evitar-lhe uma fatalidade.» E que, virá dum relance, passar o *sujeito magro*; e este, ao reconhecer o sr. Alfredo da Silva, afrouxara o passo, contorcendo o pescoço, como quem buca um olhar... «Está salvo! exclama o jornalista, ao certificar-se de que o *sujeito magro* desaparecera. O sr. Alfredo da Silva soltou uma gargalhada—pensando, logicamente, que o seu amigo não estava no uso de todas as suas facultades mentaes. Contudo, poucas horas depois, salvou-se milagrosamente da Morte dessa Morte endiabrada e misteriosa, que andou à solta de 18 a 20 de outubro de 1921...

Uma frase de Hintse Ribeiro

Quem é este *sujeito magro* cujo olhar decreta a fatalidade? Nobre Velozo, que foi taquígrafo na Camara, no tempo da Monarquia falou-nos um dia sobre esta estranha figura: «O que mais me dôbrece nesta homem—é a sua conservação fisica. Vin-o pela primeira vez, ha uns trinta anos—por occasião da queda dum governo de Hintse Ribeiro e ele estava como está hoje, aparentando a mesma idade que aparenta actualmente: uns quarenta e cinco anos, meio ameninados pela fragilidade do corpo meio envelhecido pelas rugas e pelas brancas. Devia ter pois, os seus setenta e picos... E contudo ninguém lhe dá mais de... quarenta e picos—como eu calculava; ha trinta anos. Recordei-lhe que o conheci nessa tarde em que o governo de Hintse foi derrubado no Parlamento—e vou contar-lhe as circunstancias em que isso se deu. Hintse, era amigo do meu tio, Dr. Xavier Velozo, deputado e protegia-me... Nessa tarde, antes de se sentar na bancada ministerial, esteve palestrando comigo. Súbito, ao passar a vista pela galeria pública, empalideceu. «Quem seria o pulha que deu entrada a aquele sujeito?» Segui-lhe o olhar e como havia pouca gente, não foi difficil distinguir o alvo do rancor do ministro. E Hintse continuou: «Já sei que vamos sofrer uma derrota esmagadora! É infalivel! Não houve uma só vez que *ele* apparecesse na Camara que o governo não caísse! E de facto, o governo caiu, naquela tarde. Tornei a vê-lo mais duas vezes—que corresponderam a duas crises ministeriais!

O que nos vale é a explicação scientifica do Dr. Millan—porque, sendo nós obrigados a render-nos à evidencia, nivelar-nos-iamos, sem ela, aos adôlces que creem em bruxedos...

CHAPELARIA SANTO ANDRÉ

ALVARO PORTELA

78, Largo dos Poveiros, 80 (Antigo Largo de Santo André)—Telefone, 1776

Vendas a prestações semanais—com Bonus

Única e simplesmente para desenvolver a venda de chapéus para homem, em feltro ou palha

SORTEIO SEMANALMENTE PELA LOTARIA DA SANTA CASA DA MISERICORDIA

Valor 50\$00 Escolhendo Chapeu superior ao valor, paga o excesso, e se for inferior recebe a diferença em concertos, bonets, etc.	(Vinte semanas) Por apresentação ou conhecimento e pagas 3 prestações, entrega immediata do valor a sortear.	3\$00 semanais Devendo mais de 4 prestações perde o direito ao prémio. Repetições passam ao número imediato.
---	--	--

Fixador NALLY



*Doma os cabelos d'uma ma-
neira absoluta*